

COLIGAÇÃO CH: UMA EXPERIÊNCIA ALÉM DA RAZÃO COMUNICATIVA¹

COLLEGAMENTO CH: UNA ESPERIENZA AL DI LÀ DELLA RAGIONE COMUNICATIVA

Marconi Aurélio e Silva²

Professor Universitário (ASCES-UNITA)

RESUMO. O artigo analisa uma das propostas mais inovadoras e de vanguarda no âmbito da comunicação, proposta por Chiara Lubich já no início dos anos 1980, quando ainda não havia internet comercial, tampouco facilidades para realizar interconexão global simultânea por meio telefônico: trata-se da Coligação CH. Das centenas de produções, o presente texto aborda a edição do mês de setembro/2001, logo após o atentado em Nova Iorque, quando o mundo inteiro estava chocado com tamanho ato terrorista. Lubich propõe ao mundo praticar a “fraternidade universal”. A presente pesquisa analisa o discurso do vídeo, procurando compreender melhor sua linguagem e narrativa que retratam, na prática, a realidade proposta já em ação nas atitudes de todos que dele participam.

PALAVRAS-CHAVE: Collegamento CH; Dialogia; Inclusão discursiva; Chiara Lubich; Fraternidade universal.

SOMMARIO. L’articolo analizza una delle proposte più innovative e all’avanguardia nel campo della comunicazione, proposta da Chiara Lubich già all’inizio degli anni ‘80, quando ancora non esisteva internet commerciale, né strutture per l’interconnessione globale simultanea via telefono: è il Collegamento CH. Dalle centinaia di produzioni, questo testo si occupa dell’edizione del settembre / 2001, subito dopo l’attacco di New York, quando il mondo intero fu sconvolto da un simile atto terroristico. Lubich propone al mondo di praticare la “fratellanza universale”. La presente ricerca, dall’analisi del discorso sul video, ne comprende meglio il linguaggio e la narrazione che ritrae, in pratica, questa realtà proposta già in atto e come atteggiamento di tutti coloro che la presentano.

PAROLE CHIAVE: Collegamento CH; Dialogia; Inclusione discorsiva; Chiara Lubich; Fraternita Universale.

1 Submetido em 23/10/2020 - Analisado em 01/12/2020

2 Doutor em Ciência Política (UFPE) e Bacharel em Comunicação Social (UNICAP). Professor Adjunto III e coordenador do Eixo de Humanidades do Instituto de Estudos Avançados do Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA). É pesquisador associado do Centro Chiara Lubich (Itália).

1. INTRODUÇÃO

Dois aviões que faziam voos comerciais no espaço aéreo dos Estados Unidos foram lançados contra as torres do World Trade Center, em Nova York, dois arranha-céus de cento e dez andares, onde funcionavam centenas de escritórios de multinacionais e organizações de todo o mundo. É terça-feira, 11 de setembro de 2001. Essas explosões foram acompanhadas de todo o planeta, ao vivo, pelas redes de televisão. Há quem diga que foi a maior notícia de todos os tempos. O mundo, perplexo, parou diante do inusitado: um ataque terrorista ao coração da maior potência mundial.

Dezesseis dias depois, em Roma, cerca de mil pessoas anônimas, reunidas em auditório, esperaram a 291ª edição da conexão telefônica realizada pelo Movimento dos Focolares, há mais de vinte anos. Pessoas de todos os continentes podem se conectar através de uma única chamada telefônica, uma espécie de linha cruzada: cristãos, budistas, muçulmanos, hindus, agnósticos... dos mais diversos níveis sociais, linguagens e ideias. A Coligação CH³ começava ao meio-dia na capital italiana, sede internacional da entidade, e era seguida, ao vivo, em todos os demais fusos-horários do planeta. A mensagem era transmitida pela fundadora e presidente dos Focolares, Chiara Lubich, por meio das centrais telefônicas da Swisscom⁴. Ela sugere que todos vivam a *fraternidade universal*, com ardor ainda maior, e não a luta armada, a retaliação, o fechamento das nações ao diálogo, a adoção de um ataque preventivo... Sugere um investimento mais substancial na prática do amor, da solidariedade. Poucos dias depois, está pronta a edição do telejornal *Coligação CH – Video*.

Essas edições audiovisuais vêm sendo feitas desde 1994. Assim, surgiu o produto televisivo que se tornou o objeto de estudo deste artigo. A partir da análise do discurso da edição de setembro de 2001, pretende-se identificar práticas jornalísticas relevantes que comprovem a viabilidade dos pressupostos teóricos da *Ação Comunicativa* de Habermas ou proponham outras inovações. Busca-se, ainda, identificar a existência de um modelo de referência à razão comunicativa. Na busca por esse objetivo, pretende-se entender se o Movimento dos Focolares é uma organização que faz uso dessa lógica discursiva ou de outras. Na primeira parte do estudo, caracterizada pela discussão teórica, procura-se fundamentar e conceituar a pesquisa. A segunda parte, expõe a metodologia analítica. Na terceira e última parte, analisa-se a amostragem escolhida como *corpus*.

Assim, espera-se possibilitar estudo mais aprofundado das questões relacionadas com a produção noticiosa e a cidadania global. Como formadores de opinião pública,

3 A sigla CH corresponde às iniciais de Confederação Helvética (Suíça), local de onde foi realizada a primeira transmissão telefônica da mensagem de Chiara Lubich, em 17/09/1980. A periodicidade da mensagem no período de análise era mensal.

4 Swisscom é o nome da empresa suíça que faz o serviço de conexão telefônica durante a Coligação CH.

os jornalistas devem ser profissionais cada vez mais qualificados, dotados de criticidade suficiente para perceber que seu trabalho pode contribuir na construção ou destruição de formas de organização social. Cabe-lhes, então, trabalhar para que a sociedade permita cada vez mais a inclusão de todos os seres livres, iguais e fraternalmente respeitados.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Na modernidade, a redução entre os acontecimentos e suas respectivas narrativas aos demais membros de uma comunidade por eles envolvida, redimensionou os parâmetros de tempo e espaço. Segundo Pereira Júnior (2001, pp. 34-35), o surgimento dos meios eletrônicos, especialmente a televisão, e a cotidianização dos elementos representativos da realidade por meio de uma nova linguagem (a televisiva), possibilitaram, ao ser humano, uma mudança sistemática ainda mais radical em suas próprias vicissitudes naturais.

Entre o universo de possibilidades vivido pela mídia televisiva, o jornalismo tem se destacado como ambiente de divulgação de diversos eventos, selecionados por critérios estabelecidos de acordo com as políticas editoriais. Enquanto isso, apesar da crescente importância que o jornalismo televisivo vem adquirindo na sociedade, o grande interesse acadêmico por ele só surgiu nas últimas décadas do século passado. Para Traquina (2001, pp. 68-109), as principais linhas teóricas do jornalismo podem ser resumidas em cinco categorias: (1) *do espelho* (o trabalho dos jornalistas, sem dúvida, reflete a realidade do mundo); (2) *do gatekeeper* (centrado na explicação do trabalho do jornalista que vem influenciado por suas questões psicológicas); (3) *organizacional* (a notícia resulta de uma interação social dentro das relações entre jornalistas e seus superiores); (4) *de ação política* (notícias são distorções sistemáticas que atendem a interesses políticos de agentes sociais específicos, projetando-os na frente de outros); (5) e, por fim, *estruturalista e etnoconstrucionista* (este último atrelado a critérios profissionais utilizados para valorizar as fontes e a dependência do jornalista diante das redes de rotina, uma vez que o curto tempo e a abundância de novos eventos são fatores críticos para o bom desenvolvimento do seu próprio trabalho).

Ao reunir informações imagéticas e trilha sonora em uma narrativa textual, a TV promete ao telespectador uma experiência nova, a da “televivência”, como afirma Rubim (2000, p. 84): “A televivência, viabilizada pela mídia, deve ser definida como uma vida à distância, destacada do lugar e da presença; como capacidade de vivenciar uma ausência, que se tornou (simbolicamente) presente, em tempo real, por meio de signos”.

A televivência propõe à sociedade moderna seus próprios códigos de procedimentos e redimensiona os limites da interação pública. Não estamos mais limitados ao bairro, à cidade ou ao Estado. Como cidadãos do mundo, vivemos e reconhecemo-nos naquilo que

o autor classifica como “glocalidade” (2000, p. 84), ou seja, a globalidade como dimensão para o ambiente tomado como lugar.

A importância da TV na vida moderna, na qual o tempo e o conhecimento são parâmetros supervalorizados, deve-se, entre outras coisas, ao fato de ela construir um discurso acessível, coloquial, exato. As pessoas, massificadas, envolvem-se com os fabricantes das telecomunicações, voltados intencionalmente à informação com o mínimo de burocracia. Por meio de um “cardápio” de alternativas, a TV oferece facilmente a seus telespectadores a oportunidade de conectar-se com outras realidades distantes de si sem de sair de casa, permitindo sua “inserção” no mundo globalizado: “O estudo do telejornalismo, portanto, torna-se urgente à medida em que pode contribuir para desfazer a mistificação da interferência que seus dirigentes possam ter nas massas, inibindo sua participação na coletividade” (TRAQUINA, 2001, p. 64).

Foi a racionalização da vida moderna que, na opinião de Habermas (1984, p. 72), secularizou a religiosidade humana, dividindo-a em três grandes sistemas discursivos: o do *direito* (discurso normativo), o da *ciência moderna* (discurso teórico) e o da *arte* (discurso estético). Segundo o filósofo alemão, para formar a opinião da heterogênea massa pública, o próprio sistema deve possibilitar condições iguais de desenvolvimento para todos os envolvidos (HABERMAS, 1984, p. 106).

Na teoria da Ação Comunitária (TAC), a *aceitabilidade do outro* e o *impulso para o diálogo* são apresentados como novidades. São estes os meios que surgem como primeiro passo para se chegar a um acordo, isto é, fazer com que o outro seja reconhecido como igual, a partir da adoção de direitos civis que ordenem e garantam a prevenção do particular, bem como o direito de se comunicar e participar socialmente (HABERMAS, 1984, p. 31). Em outras palavras, efetuar a fraternidade e a igualdade social, valorizando a liberdade.

Se partirmos das ideias de Hegel (1992), entendemos que a comunicação mais profunda entre os seres humanos só será possível na interação plena de si no outro e do outro em si próprio. A Ação Comunicativa tal como previu Habermas é, assim, tão complexa quanto os agentes envolvidos. Entretanto, para Hegel, o problema da diversidade e complexidade culturais não impede o entendimento entre pares, visto que estes se tornam conscientes da necessidade de manter-se em contínua relacionalidade, enriquecendo-se mutuamente da mesma existência plural:

[...] A consciência-de-si é a reflexão, a partir do ser no mundo sensível e percebido; é essencialmente o retorno a partir do ser-Outro. Como consciência-de-si é movimento; mas quando diferencia de si apenas a si mesma enquanto si mesma, então para ela a diferença é imediatamente suprassumida, como um ser-outro. A diferença não é, e a consciência-de-si é apenas a tautologia sem movimento do “Eu sou Eu” (HEGEL, 1992, p. 120).

O mundo globalizado e midiaticizado precisa, a nosso ver, dessa *comum-união*. Habermas (2002, p. 55) explica que esse lugar-comum na coletividade, de ações participativas, é urgente, pois, não podemos mais pensar, exclusivamente, no eu, mas no nós, o que traz regras comuns para o funcionamento adequado de uma ação comunicativa. A adoção de um modelo de referência para a razão comunicativa parece ser, pois, essencial para referir-se ao que se apresenta como tal. A unidade discursiva na pluralidade é um desafio, mas pode ser que venha a confirmar a possibilidade de construção de um “diálogo”. Acredita-se que, se a racionalidade “sistêmica” mudasse para a “comunicativa”, seria possível chegar a um ambiente saudável de convivência global. Mas, em qual modelo se deve confiar?

No pensamento de Araújo Oliveira (1999, pp. 123-124), a divina Trindade é o ambiente de referência da racionalidade comunicativa, onde três, absolutamente iguais e distintos (Deus, Jesus e o Espírito Santo), estão em plena comunhão. Na busca da igualdade humana (nos diversos processos da vida social, inclusive na comunidade) busca-se o reconhecimento das próprias diferenças, o respeito mútuo e a inclusão na sociedade. Desse modo, ao partir do pressuposto que o estado de divindade equivale ao da perfeição humana, como propôs Tomás de Aquino, poderemos identificar no modelo trinitário cristão uma resposta factibilidade da ação comunicativa e, mesmo, para superá-la.

Contudo, existiria alguma organização na atualidade que faça uso desse modelo de comunicação, adotando-o como base de sua política comunicacional?

Supõe-se que o Movimento dos Focolares, fundado na Itália em 1943, por Chiara Lubich (1920–2008), em meio ao tumulto da Segunda Guerra Mundial, seja exemplo factível. Tal Movimento se destaca em promover ao invés de uma ação discursiva para os outros, uma ação comunicativa entre os seus, valorizando a solidariedade, a fraternidade universal. Sustentado pela ideia de construir um “mundo unido”, tem como pressuposto testemunhar diálogos bem sucedidos entre diferentes denominações cristãs ou mesmo entre grandes religiões. Tal Movimento tem permitido o intercâmbio de pessoas de diferentes idades, culturas e raças.

Segundo Boa Viagem Oliveira (2002, pp. 151-152), a experiência dos focolarinos é inovadora porque não existe apenas uma crença religiosa. Existe uma proposta concreta de um novo estilo de vida acessível a todos, adaptado aos desafios que se colocam no atual contexto de globalização. Segundo a autora, o Movimento representa, para o mundo moderno, a possibilidade de se estabelecer convivialidade entre pessoas diversas e diálogos universais.

Trata-se de uma organização social que, no início dos anos 2000, chegou a reunir cerca de cinco milhões de pessoas em todo o mundo, presente em 182 países. A proposta dos Focolares, como alternativa à racionalidade sistêmica analisada por Habermas, aproxima-

se de um estado afetivo de racionalidade comunicativa, dialógica, em que todos se sentem responsáveis por sua construção e mesmo pelo consenso construído coletivamente.

Amor agápico gratuito gerador de reciprocidade, ou seja, promotor de reconhecimento e superação de divisões e diversidades que leva à fraternidade universal. Na prática, esse é o cerne da proposta focolarina voltado ao enfrentamento dos desafios atuais da Humanidade, não apenas no nível imediato dos assuntos humanos, mas também no nível institucional da mídia. A utilização dos meios de comunicação se realiza, desde o início do citado Movimento, com o objetivo de gerar a comunhão planetária de conquistas e dificuldades vividas por seus membros e interlocutores. Essa proposta vai ao encontro da ideia habermasiana, interpretada por Araújo Oliveira (1999, pp. 116-117), ou seja, a de que, na modernidade, é preciso se estabelecer ambiências de unidade sim, mas, de unidade na pluralidade.

Dentre essas iniciativas midiáticas, situa-se o objeto aqui pesquisado: a Coligação CH. O evento comunicacional surgiu no início dos anos 1980 como conferência telefônica mundial e se converteu, já nos anos 1990, em telejornal global. Segundo Lubich (1997, p. 208), o evento se tornou o ambiente comunicativo mais explícito de unidade na diversidade, no âmbito do Movimento, já que, periodicamente, pessoas de todo o planeta se reúnem, virtualmente, para aprofundar e compartilhar experiências sobre a espiritualidade dos Focolares.

A este respeito, parece que o empreendimento televisivo em questão tenta ser um esboço de noticiário de caráter mundial, que privilegia e respeita a diversidade do ser humano. Ao contrário da mídia comercial, o experimento estudado possui as seguintes características: (1) não visa ao lucro; (2) nem a manipulação persuasiva para ter sucesso no crescimento no mercado; e, (3) nem considera a periferia do globo como uma zona de exploração. O evento acontece espontaneamente. Essa *nova comunicação*, baseia-se na gratuidade ágape, entre todos os que produzem a notícia (LUBICH, 2000). E a perspectiva ontológica que a conduz se inspira na Trindade, uma vez que, o Pai, por amor, encontra-se no Filho (sendo também Ele, no Filho), em comunhão de tal modo perfeita que é capaz de instituir entre eles um estado de absoluta interação espiritual (3ª pessoa, o Espírito Santo). Desse modo, a partir dessa mística referencial, também o ato comunicativo consiste em reconhecer-se a si no outro que comunica aquilo que entende e que o faz ser distinto. Esse *alter*, também quando escuta, age, porque acolhe e permite ao interlocutor exprimir-se, fala no seu silêncio a partir dos demais, tornando-se um outro acrescido de si mesmo e dos demais, tornando-se ambos uma única realidade, sinérgica e em dinamismo relacional. A dimensão do outro em relação a si mesmo explica o porquê de se respeitar os semelhantes, uma vez que esses terminam sendo partes constitutivas do si mesmo.

A hipótese do presente trabalho é que o noticiário focolarino constitui um produto jornalístico que traz consigo as condições da ação comunicativa habermasiana, mas, em

certo sentido a supera. Desse modo, é possível comparar o modelo-referência da razão comunicativa, já mencionado aqui, com esse de comunhão comunicacional plena, mediante a meta-referência que é a Trindade divina.

A proposta apresentada se baseia na fraternidade, no amor ao próximo e condiciona seus membros a uma ação comunicativa natural. Essa conclusão, segundo Crepaz (2001), explica o porquê do uso constante da mídia pelo Movimento.

È proprio lo spirito del Movimento che richiede i mezzi di comunicazione. E questo per il fatto che in esso si vive e si propone una spiritualità non solo personale, ma comunitaria, collettiva. Questo vuol dire che, in questo movimento, non si può arrivare a Dio da solo, vuol dire che non si può crescere nell'unione con Lui solo individualmente, ma insieme, con gli altri. E ciò vuol dire: comunicare. E quando la comunione dev'essere tra molti, tra tanti, occorre farsi uso dei mezzi di comunicazione ⁵.

Para caracterizar o telejornal em estudo como um fenômeno comunicativo da contracultura hegemônica, procurou-se, por meio da análise do discurso, identificar quais categorias de racionalidade comunicativa poderiam nela estar presentes. É, também, imprescindível fazer uso dos dispositivos analíticos propostos por Orlandi (2001), Bauer & Gaskell (2002), bem como os reportados por Pinto (1999), tanto na análise do editorial do jornal como no seu noticiário.

3. MÉTODO DE PESQUISA

O telejornal *Coligação CH – vídeo*, na edição de setembro de 2001, tem duração de 32 minutos. Para ilustrar as dimensões dessa produção televisiva, em dezembro do mesmo ano, o telejornal estudado atingiu 1.166 pontos de escuta simultânea. Naquele mês, 91 cidades foram conectadas ao vivo (por telefone). A partir destas, o sinal de áudio foi retransmitido para outros 141 locais, criando uma rede comunicativa internacional. Na noite do mesmo dia da conferência aqui estudada, a gravação da mensagem foi enviada a outros 427 destinos, nas diferentes regiões do mundo onde estão presentes os membros do Movimento.

Na edição analisada, o tema da “mensagem espiritual” - que aqui é considerada o editorial do noticiário (feita pela fundadora e presidente do Movimento dos Focolares, Chiara Lubich) -, foi “**O que há de mais belo**”. O noticiário teve sete reportagens, das quais, analisou-se as três principais, cujo tempo despendido representa 50% de todo o vídeo.

⁵ “É precisamente o espírito do Movimento que exige os meios de comunicação. E isso porque nela se vive e se propõe uma espiritualidade não só pessoal, mas comunitária, coletiva. Isso significa que, neste movimento, não se pode chegar a Deus sozinho, significa que não se pode crescer em união com Ele apenas individualmente, mas junto com os outros. E isso significa: comunicar. E quando a comunhão deve ser, entre muitos, entre muitos, deve-se usar os meios de comunicação” (TdA).

Decidiu-se, como metodologia, recorrer à análise do discurso visto que, como afirma Pinto (1999, p. 12), esta é uma prática adequada ao tipo de material que se tem, uma produção televisiva que deve ser considerada como resultado de uma determinada realidade social estruturada, existente: “[...] A análise dos discursos, particularmente interessada na luta pela hegemonia da palavra na sociedade, não pode deixar de ser, em certo sentido, uma reflexão sobre a teoria e a técnica da retórica como prática social”.

Considerando o Discurso como um conjunto composto por textos imagéticos, sonoros e narrativos, podemos verificar, nas entrelinhas da sua totalidade, o que foi dito e o que não foi dito, o que está explícito e o que está implícito, a orientação ideológica e sua coerência ou não com a práxis proposta. Nessa perspectiva, vamos seguir a observação de Orlandi (2001, p. 59):

A análise do discurso não busca o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não pode ser aprendida, o inconsciente não pode ser controlado com o conhecimento. A própria linguagem funciona ideologicamente por ter esse jogo em sua materialidade.

O material analisado foi, pois, dividido nas seguintes partes: (1) *abertura e editorial* – incluindo ilustração de abertura; e, (2) *noticiário* – análise das três primeiras notícias. Parte-se a pesquisa com a observação visual da notícia no estúdio e a leitura de sua transcrição textual. Frase a frase, procura-se acompanhar o vídeo, explicando, também, seus recursos de imagens e/ou sons presentes na fala para possibilitar análises posteriores.

Na primeira parte, cujo cerne é a mensagem de Lubich, foram analisados o uso de trilhas sonoras dramáticas e construções frasais que utilizam adjetivação e expressão de compreensão mais restrita ao público do próprio Movimento. Nesse ínterim, apesar do *corpus* de estudo estar aberto a muitas possibilidades de diferenciação (BAUER, 2002), concentra-se nos pressupostos estabelecidos de acordo com o conceito do arsenal teórico utilizado. Durante a pesquisa, busca-se estabelecer outras cadeias do material com o mundo real, fora da tela da TV, em relação ao que Pinto define como os contextos do discurso.

[...] É na superfície dos textos que podem ser encontradas as pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos que o analista vai interpretar. O analista de discursos é uma espécie de detetive sociocultural. Sua prática é primordialmente a de procurar e interpretar vestígios que permitem a contextualização em três níveis: o **contexto situacional imediato**, o **contexto institucional** e o **contexto sociocultural mais amplo**, no interior dos quais se deu o evento comunicacional (PINTO: 1999, p. 204, grifo nosso).

O contexto *situacional imediato* diz respeito ao ambiente espaço-temporal imediatamente vinculado ao evento midiático, nesse caso, à situação imediata dos eventos vivenciados pelos agentes envolvidos na Coligação CH. O *contexto institucional* constitui o conjunto de

ambientes que compõem a instituição envolvida no processo de comunicação, ou seja, aquele que caracteriza o “mundo focolarino” como usuário da mídia. O *contexto sociocultural* mais amplo quer situar e perceber a experiência comunicativa que está sendo analisada em um contexto universal, reunindo aspectos dos contextos situacionais imediato e institucional.

Na segunda parte da análise, trabalha-se as três crônicas principais, selecionadas de acordo com os critérios de duração e os cargos em que foram veiculadas na sequência das notícias. Na construção dos fatos narrados, analisou-se os “modos de mostrar”, os “modos de interagir” e os “modos de sedução” (PINTO, 1999, p. 23). O primeiro diz respeito à linguagem da criação do universo discursivo no processo comunicacional do vídeo; o segundo refere-se ao uso da linguagem na construção da identidade e das relações sociais dos envolvidos no referido processo; o terceiro está voltado ao uso da linguagem na busca de consenso com a distribuição de afetos positivos e negativos associados ao discurso estudado.

Foi estabelecido contato com o Centro Audiovisual Santa Clara, responsável pelas produções em questão, através do endereço eletrônico, a fim de identificar quais eram os principais critérios de coleta das notícias. Segundo informações recebidas, são elas: (1º) notícias que interessem a todos; (2º) que sejam variadas; e, (3º) que possam ser acompanhadas de imagens.

A dinâmica das relações entre os sujeitos do telejornal estudado exige um tratamento conjunto dos “enunciadores” e co-enunciadores no que Pinto (1999, p. 32) define como “relações pragmáticas”, ou seja, o lugar onde se manifestam as relações de saber e de poder em jogo. Como o próprio autor exemplifica, isso se faz por meio da distância ou cumplicidade, pedagogia e compartilhamento de valores iguais, superioridade ou nivelamento hierárquico. Nessa perspectiva, busca-se inferir se os discursos seriam “transformadores” ou “reprodutores” da realidade social.

Outro recurso aqui utilizado foi a análise do ponto de vista da seletividade dos retratados durante o vídeo, que pode significar ou não atribuição de juízo de valores, principalmente de hierarquia dos sujeitos mostrados durante o vídeo que são os tipos de imagens com maior incidência etc. Dessa forma, procurou-se perceber como se constrói a identidade da massa, seja pelo desapego das individualidades, seja pela elevação da pluralidade de receptores. Tanto na primeira como na segunda parte do vídeo, foram usadas as mesmas rotinas de análise.

Concluído o estudo dos detalhes de ambas as partes (a abertura e o editorial + notícias), estes foram confrontados às categorias analíticas da Ação Comunicativa. No trato com a ação comunicativa, não se fez apenas levando em consideração quem emitiu uma mensagem explícita, mas também por seu silêncio, omissões quanto ao enunciado. Isto porque, como

já foi dito, os atos de pronúncia e escuta são convergentes, de interrelação. Assim, ouvir e falar terão igual importância. Este aspecto foi considerado na apreciação analítica proposta.

A Coligação CH – Vídeo, portanto, foi analisada nos limites traçados de acordo com a teoria analisada com o intuito de aumentar a precisão quanto ao foco da pesquisa e não ser influenciada pelo contexto enunciativo dos acontecimentos. Isso está de acordo com o pensamento de Orlandi (2001, p. 61):

[...] o analista produz seu dispositivo teórico de forma a não ser vítima desses efeitos, dessas ilusões, mas a tirar proveito delas. E o faz pela mediação teórica. Para que, no funcionamento do discurso, na produção dos efeitos, ele não reflita apenas no sentido do reflexo, da imagem, da ideologia, mas reflita no sentido do pensar.

Vendo todas as notícias, buscou-se situá-las no contexto histórico da época, na atitude de compreender qual foi a relação entre a mensagem editorial e a coleta de notícias. Procurou-se, assim, analisando as partes, compreender o todo, o discurso completo da notícia.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. Abertura

A abertura da notícia é feita com uma ilustração padrão, com duração de 28 segundos. A montagem visa definir o caráter universal e plural do empreendimento dos Focolares. Na tela da TV, são mostradas 26 fotografias de paisagens mundialmente famosas e pessoas de diferentes etnias, sempre sorrindo, ocupando a mesma dimensão na tela. Interpretou-se isso como um artifício da edição no sentido de preferir exibir pessoas que estão em harmonia com a vida, que são felizes contexto em que vivem e que se encontram juntas, nesse evento midiático, mesmo pertencendo a grupos diferentes, com o objetivo de alcançar objetivos comuns de convivência e compreensão mútua.

A disposição aleatória das imagens corresponde às questões estéticas do preenchimento do espaço da tela, o que nos permite vislumbrar a construção de um mosaico: o mosaico da unidade proposto pelos focolarinos. Seguindo o lema, a rede cruzada do globo assemelha-se a uma tela composta por diferentes telas de TV que, em todo o mundo, iluminam-se. Finalmente, interpreta-se a cena como um álbum de fotos.

No que diz respeito à última sequência de fotografias, vê-se o Cristo Redentor, um caminho reto com uma criança sorridente que pode levar ao seguinte entendimento: Jesus é o caminho reto que leva à humanidade (representada na criança sorridente) à pureza de sentido, à felicidade inocente e bem-intencionada.

O emparelhamento do globo terrestre e, também, a sua posterior entrada a partir da letra “C” do tema da notícia dá origem a várias interpretações quanto à letra em questão: **C de casa** (“o mundo é a nossa casa”); **C de Chiara** (“a fundadora dos Focolares que promove o envolvimento de todo o mundo em um único ambiente de união comum”); **C de coligação** (“conectar, ligar simultaneamente”); **C de Coletividade** (“comunidade unida, uma coletividade de indivíduos diferentes uns dos outros, mas unidos por um objetivo comum”).

Durante a exibição de todas essas imagens, escutam-se vozes dos telefonemas dentre os pontos conectados. No último diálogo, Lubich – ao dizer aos paquistaneses “Estamos todos aí com vocês, entendeu, não é?” – reúne todos aqueles que estão geograficamente distantes de Roma (de onde parte a conexão internacional) e redimensiona, assim, seu próprio papel durante o evento. Para ela, não é tanto o facto de estarmos todos ligados a ela (como se diz literalmente no início do noticiário: “Ligue-se a Chiara”), mas o fato de possibilitar a sua presença em todos os países onde estão seus colaboradores e que estes estejam com ela em um único núcleo do Movimento. Essa direção oposta, onde o centro do sistema de comunicação atrai a periferia para si, parece-nos inovar a relação emissor – receptor, uma vez que não é uma comunicação de sobreposições, vertical, mas dialógica, horizontal. Dessa forma, entende-se que o cenário construído por toda a abertura do telejornal estabelece um “contrato de leitura” entre quem produz o empreendimento e aqueles que interagem, participam, coproduzem a conexão CH.

4.2. O Editorial

Após as saudações introdutórias da ilustração, segue-se a mensagem espiritual da fundadora. Isso surge na contextualização imagética dos ataques de 11 de setembro. A voz de Lubich e a trilha sonora estão na base. Duas cenas chamam a atenção: enquanto a fundadora do Movimento afirma: “[...] acontecimentos tremendos que nos convenceram de que, ao lado de uma cadeia do bem, presente em todo o planeta, o espírito do mal está mais vivo do que nunca”, surge a imagem de dois bombeiros que se abraçam, seguida da cena de dois homens que ajudam um terceiro a manter-se de pé sobre os escombros, apoiado no ombro de ambos.

Lubich não parte do pressuposto imediato de que os eventos positivos são a exceção na modernidade. Ela explica que, apesar de tantos fatos positivos, ainda existe a presença do mal. A partir da convicção de que o acontecimento ocorrido representava a negação dos ideais do seu Movimento, com isso ela quer comunicar a todos que, mesmo em seis décadas de ação dos Focolares a favor da unidade dos povos, culturas e religiões, não foi possível evitar esta catástrofe.

Ao longo da transmissão, tanto a fundadora quanto os dois apresentadores aparecem na TV, lendo seus textos sem usar o teleprompter. Esse artifício pode ser interpretado de duas maneiras. O primeiro, a seguir o padrão jornalístico italiano que difere do norte-americano já adaptado na América Latina (em que se inspira o telejornal produzido no Brasil). Como Hallin e Mancini (1999, pp. 315-316) mencionam:

Não só a televisão italiana não emprega as convenções de temática unificada que marcam as notícias televisivas americanas, como também faz pouco “uso” das características visuais do “meio” televisão. Uma boa quantidade do relato das notícias italianas é simplesmente lida pelos locutores, sem qualquer acompanhamento de imagens visuais. E o filme é usado primariamente como *background* da narrativa verbal.

A segunda forma de interpretar o fato seria que eles estão diante de uma plateia, em um palco de auditório, ou seja, a câmara e o teleprompter atrapalhariam a visão do público local sobre os três personagens. Isso o “reduziria” a meros telespectadores de produção televisiva, possivelmente, distraídos da direção da TV durante o evento e/ou das manobras realizadas por seu equipamento. Ao contrário, ao adotar essa sistemática de leitura textual, explicitamente, diante da TV, Lubich e os apresentadores garantem que quem vai assistir ao noticiário, nos vários pontos de escuta dos continentes, transforma-se no alongamento do auditório em que acontece a transmissão telefônica original. Isso significa que quem esteve presente naquele dia e quem o viu depois teve o mesmo “tratamento”, ambos mantiveram as mesmas condições dos receptores que se reconheceram no discurso de Lubich, que nele estavam presentes em certos argumentos e que os usaram para construir um consenso.

Ao dizer que a humanidade deve tornar-se uma única família, baseada na fraternidade universal e, considerando Deus como o Pai desta prole, Lubich assume um discurso semelhante ao de Habermas ao propor um diálogo constante entre os diferentes que se inspira no exemplo de Deus como Pai, no contexto da Trindade. Portanto, se Deus, apresentado como Pai, é aquele que justifica a existência de uma única família humana (na opinião de Lubich), Ele não pode ser Pai em si mesmo, mas, automaticamente, também o é através do Filho, também constituindo-se como dinâmica de Amor ambos e desta relação (Espírito Divino), partindo da afirmação do si a partir do outro ou da negação do si mesmo como um ser único. Lubich indiretamente apresenta a Trindade como modelo de interação perfeita para alcançar a unidade e o bem-estar universal tão almejado.

E quando a fundadora afirma “[...] e todos os homens como irmãos”, a imagem que aparece na TV é de três pessoas sentadas na plateia da sala, ouvindo-a atentamente: um homem branco de cabelos grisalhos, uma mulher loira e um homem negro, um ao lado do outro. Assim, verifica-se, mais uma vez, a tentativa de comprovar a validade do discurso feito por Lubich, a partir do interior daquele ambiente, de que não haveria barreiras entre

gerações e etnia. Qualquer ser humano, portanto, pode “tornar-se igual ao Deus feito homem (Cristo)”, desde que se torne outro Amor “feito homem”. Ser Amor, pois, é esquecer-se de si mesmo e viver pelo outro, como afirmava Hegel. Divinizamo-nos, portanto, ao amar os demais até a reciprocidade: eis o cerne da mensagem alternativa proposta por Lubich, mesmo naquelas circunstâncias.

A seguir, a fundadora dos Focolares se questiona sobre o significado da perfeição. E, baseado no ensinamento de pessoas ligadas ao cristianismo e que se destacaram para buscar esse estado, acrescenta: “[...] a perfeição consiste em crescer sempre, porque quem não progride, regride”. Acreditando que seja um caminho de busca da prática perfeita do Amor, conclui que “[...] o nosso olhar deve estar fixado no nosso modelo perfeito, a Santíssima Trindade, Deus do Amor”. No editorial, a Trindade, de fato, é mencionada explicitamente como modelo relacional:

Na vida da Santíssima Trindade, cada Pessoa Divina é, não sendo, para que o Outro (a outra Pessoa) seja. Se o Pai – e igualmente o Filho e o Espírito – não é, ele não está fechado em si mesmo, mas aberto ao outro; não é uma posse em si mesmo, mas um presente total para o outro; então é: é Amor.

Assim, de acordo com a proposta de Pinto, no contexto situacional imediato, Lubich propõe ao público daquela sala e aos futuros telespectadores do vídeo, uma fraternidade universal baseada na racionalidade comunicativa existente na Trindade como resposta à crise mundial vivida após o 11 de setembro de 2001. No *contexto situacional*, ela sugere (e ao mesmo tempo convida todos) a refletirem sobre sua própria prática de vida, na esperança de que eles redimensionem suas prioridades a partir de um agir solidário. No *contexto sociocultural* mais amplo, a fundadora não só desmorona completamente uma racionalidade sistêmica, instituída após os ataques (vingança, intolerância, fechamento ao diálogo) como se propõe a intensificar, em todos os cantos do planeta, uma prática voltada à racionalidade comunicativa, de abertura ao diálogo, cooperação etc. Levando em consideração a participação do público, mesmo que na situação de escuta, percebe-se que está no mesmo nível de iluminação dos personagens principais, situados sobre o palco. Além disso, o público aparece (durante a narrativa do editorial) doze vezes em diferentes situações, enquanto a presidente do Movimento (emissário principal da mensagem) aparece quinze vezes em planos fechados ou abertos (em que pode aparecer sozinha ou acompanhada pelos dois apresentadores do noticiário, que também a ouvem). Ou seja, emissário e receptores têm quase o mesmo nível de presença na tela, no que diz respeito às aparições, o que parece refletir a importância que é dada, no Movimento, à coletividade dos agentes na construção dos consensos.

4.3. Noticiário

A distribuição do tempo de duração de cada notícia variou sem critério. Em nossa análise, destacamos três notícias (1ª, 2ª e última) visto que, juntas, ocupam cerca de 50% do total das notícias. Somados a editorial e animações já analisados, chegamos, como registro de apresentação, a 75% do tempo total do vídeo em questão.

Junto a Chiara Lubich, presidente do Movimento dos Focolares, estão dois apresentadores. Eles ocupam os assentos à direita e à esquerda da fundadora (que está no centro da mesa). Em um palco, atrás, fica o ambiente só para esse telejornal e uma grande tela, na qual se pode ver melhor, ao fundo daquela sala onde é produzida a conexão e o encontro, a imagem de quem fala. Na frente deles, cerca de mil pessoas assistem ao evento, como espectadores de auditório. Salas espalhadas por todos os lugares do mundo fazem filmagens *in loco* de como a recepção reage àquela vídeo chamada para compor, depois, o produto televisivo estudado, pós-editado.

As notícias da edição aqui analisada abordam acontecimentos que tiveram resultados positivos, constituindo uma narrativa de esperança, apesar do momento histórico estar carregado de pessimismo. Este modo de produção jornalística dos Focolares se baseia na política de comunicação adotada pelo próprio Movimento, que Crepaz tenta explicar da seguinte forma:

Essa coragem social e civil para comunicar o positivo segue duas direções: primeiro lugar, uma compreensão particular da realidade [...] de apreender o positivo dos acontecimentos atuais. Em outras palavras, é necessária uma “pureza de olhar” na leitura da história [...]. Por outro lado, é necessária uma vontade, uma escolha racional para oferecer aos outros outra interpretação [...] (uma vez que) tudo o que se mostra às pessoas todos os dias é político.

Deve-se ressaltar que o público existente naquele auditório não é totalmente conhecido ou mesmo referido durante a programação. Na verdade, não se explica quem são ou de onde vêm ou, pelo menos, porque estão presentes naquela sala. Entretanto, este mesmo público é percebido pelos destinatários do vídeo, a nosso ver, como um grupo desconhecido que partilha do mesmo consenso e que, por isso, se amplia como uma família global, confirmada na variedade sociocultural dos que pertencem ao referido Movimento. Essa situação de “reconhecimento do desautorizado” reforça a ideia de que todos podem viver para o mesmo propósito, mesmo que não se interajam fisicamente, mas, apenas virtualmente ou mesmo subjetivamente. Deve-se salientar que a primeira e a última notícias estão diretamente ligadas ao público jovem, o que evidencia a opção em valorizar as novas gerações e transmitir os valores mais profundos da experiência focolarina àqueles que serão o futuro do Movimento estudado, como veremos mais tarde

4.4.1. Nosso Instituto Superior de Cultura

A primeira notícia é sobre a criação do Instituto Superior de Cultura, experimento internacional dos Focolares que quer se construir em universidade. Na sala de transmissão telefônica a apresentadora Eli Folonari - à direita da tela -, acompanhada por Lubich e pelo outro apresentador Marcos Aquini, que fica à esquerda. Ela lê a primeira frase de seu script e olha para Lubich: “Querida Chiara, nada será igual”! Estas foram as mesmas palavras usadas pelos jovens universitários que participaram do primeiro curso daquele Instituto e que escreveram uma carta à fundadora dos Focolares, contando-lhe a experiência ocorrida na Suíça.

A apresentadora, enquanto enunciativa da notícia, volta-se diretamente para Chiara, quando lê a manchete. Em certo sentido, ela interpreta o sentimento e o pensamento daqueles jovens que escreveram a mensagem. E Chiara volta seu olhar para Folonari, momento em que ela própria passa a ser receptora e não mais emissora da mensagem. Mas, o “receptor – Lubich” e os “apresentadores – emissários” estão todos sentados à mesma mesa do telejornal e tratados, simbolicamente, como ambiente de emissão de mensagens. A bancada se torna um “agente coletivo”. Imediatamente à ação de emitir-receber, falar-ouvir, dentro do ambiente imagético, torna-se claro que não há estado comunicacional passivo, mas, na verdade, ativo.

O primeiro áudio é do diretor do Instituto, professor Piero Coda. Ele dá uma entrevista a um jornalista. O jornalista que aparece é do tipo que permite que o outro (o entrevistado) seja ouvido. O que o professor Coda fala para o CH-Vídeo confirma em si a importância do acontecimento na história dos Focolares e acrescenta um tema importante à entrevista:

Mas, não apenas uma transmissão, eu diria também um lugar de elaborações culturais de vida dessas experiências, já que a interação, digamos, entre docentes e discentes que dali participam é ativa, é uma interação trinitária. E onde há uma doação recíproca, há um crescimento recíproco.

Dois ideias fundamentais são lançadas aos telespectadores para fazê-los perceber as linhas pedagógicas deste curso: (1) Lubich diz que é na Trindade que se faz necessária toda a dinâmica da vida de unidade na diversidade (proposta pelos Focolares). Do ponto de vista científico, as próprias ideias divergentes têm, pois, valor, visto que se complementam. Basta, porém, que estejam abertas à comunicação para construir consensos e não se impor, falsamente, uns aos outros. (2) Referindo-se ao único Mestre daquele Instituto como sendo “Jesus no meio” dos professores, Chiara volta-se à passagem do Evangelho (Mt. 18, 20) em que Cristo diz que se dois ou mais se unem em Seu nome (logo no nome do Amor recíproco que Ele propôs), também Ele estará presente. Portanto, Jesus se apresenta como Amor e quem assim caminha é, como Ele, Deus: assim, segundo Lubich, o amor universal

deve ser também a base de toda a ação científica e humana de quem quer se envolver na futura universidade focolariana.

Dando prosseguimento, há três depoimentos de alunos que participaram do curso. O primeiro é de Paolo Contini, graduado em Ciências da Comunicação. Em sua fala há forte condicionamento dos receptores do telejornal participarem das “interações” propostas pelo Instituto Superior de Cultura. Segundo o jovem que dele participou, as características descritas pelo noticiário são mesmo comprovadas. O segundo testemunho é de Maria Isolan, estudante de Ciência Política, que não apenas reconhece que a experiência foi de grande valor, como também acha importante praticar tudo o que lhe ensinaram. Ou seja, reconhecendo-se na experiência proposta por Lubich, ela entende que não se pode ficar só no conhecimento teórico, mas, que este deve ser atuado para ser observável e comprovável. A personagem entrevistado convida os receptores, indiretamente, a terem essa mesma atitude. Já o terceiro depoimento é feito por Marco Luppi, estudante de Letras Modernas. Ele se refere às palavras da fundadora, pronunciadas durante o curso, e fala de seu desejo em permanecer naquela Academia onde todos podem se tornar sábios, de verdade. Ele ressaltou a proposta de não ser ele para ser seu verdadeiro eu em comunhão relacional aos demais (dialética de Hegel).

Essas três falas levam os telespectadores às seguintes conclusões: (1) a comunhão e o amor recíproco são a base de todo o curso do Instituto Superior de Cultura; (2) devem ser praticadas para não ficar somente sob as considerações acadêmicas; e, (3) isto garante a Sabedoria. Percebe-se a importância do som na confirmação do discurso da notícia. Os entrevistados são “co-enunciadores”, como defende Pinto na sua “relação de pragmática. Portanto, percebe-se proximidade dos entrevistados que consideram próprios os valores propostos durante a notícia. O discurso, assim, tem um caráter “transformador” na vida dos jovens participantes e isso os faz concluir que “nada será como antes”.

O texto narrado pela apresentadora segue em OFF ⁶, alternando-se em alguns momentos com imagens e sons de lições ministradas durante o curso aqui tratado. A última frase do texto diz respeito a um recorte do discurso de Lubich aos jovens: “[...] somente sobre a base das nossas vidas pode nascer uma nova cultura”. Nesse momento aparece na tela imagens dos jovens universitários falando e sorrindo, sem que se escute o que falam, mostrando-nos a satisfação deles de estarem lá. Ao mesmo tempo, confirma-se a possibilidade de nascer verdadeiramente uma “nova cultura”, baseada no diálogo e na comunicação entre diferentes disciplinas, culturas e gerações.

⁶ A expressão OFF origina-se no inglês e se refere ao som da voz de qualquer pessoa que narra acontecimentos enquanto sequência de imagens ou sons acontece.

Resumindo, o clímax da notícia são os sons dos três jovens que resumem e confirmam, com os seus depoimentos experienciais, as informações dadas pela apresentadora. Supõe-se ser esta a principal notícia do telejornal, porque é a mais longa de todas. Ela dura seis minutos e 29 segundos do tempo total (20,3%) e é a primeira a ser exibida. Entretanto, não existe uma conexão direta e explícita com editorial previamente analisado sobre o 11 de setembro de 2001.

4.4.2. Nasce o Polo Empresarial em Loppiano

Diferentemente da primeira, a segunda notícia é voltada ao público adulto. A notícia diz respeito à fundação de um polo empresarial na cidadela de Loppiano, vizinha a Florença e centro de formação internacional dos Focolares. Uma característica marcante dessa notícia são as imagens apresentadas, que remetem sempre a grupos dialogando, falando em círculos de debates ou em encontros fora da sala. A exceção está nos sons dos entrevistados, em algumas cenas retomadas de Chiara sobre um palco, falando ao público e uma fotografia de Lionello (um focolarino falecido e do qual fez-se uso do nome para o novo polo empresarial italiano).

Entre os entrevistados nessa notícia, o primeiro é do empresário brasileiro Agostinho Lopes. Ele explica que a representação brasileira, presente naquele congresso internacional, também se tornou motivada a contribuir com o novo polo que estava para nascer. Dessa maneira, foi feita uma “comunhão de bens” que recolheu soma em dinheiro enviada às despesas de construção do centro produtivo italiano. Essa experiência, contada por um brasileiro, tem um significado muito particular: demonstra o radicalismo à adesão e ao *consenso* instituído – colocado em prática, imediatamente e sem exclusão – por todos aqueles que lá estavam presentes. Os brasileiros que participaram do encontro, embora não fossem os mais ricos, também puderam contribuir com o que possuíam naquele momento, transferindo do capital próprio para ajudar uma comunidade de outro país, a fim de construir o polo conjunto. Historicamente, sabe-se que os países em via de desenvolvimento, como o Brasil, sempre receberam ajudas financeiras dos países desenvolvidos. A Itália, desde os anos 2000, faz parte do G7, grupo dos sete países mais ricos do mundo. No sistema social vigente, entende-se que, no fim, essa prática pode causar uma conta sem fim, dos mais pobres para com os mais ricos. Na fala de Lopes, porém, esse fluxo ocorre de modo contrário sob dois aspectos: (1) sair da periferia para o centro do mundo desenvolvido; e, (2) não ser considerado como um empréstimo, mas como uma doação. O discurso dessa notícia adquire total credibilidade na argumentação do entrevistado por ser um fato verídico que não deve ser questionado quando à viabilidade do projeto. Ou seja, ao afirmar que a comunicação já foi vivida entre pessoas da periferia do globo, fica estabelecido

que, na lógica do Movimento, todos fazem parte do centro e não há discriminação, mas cooperação internacional. Na prática, a construção do novo polo empreendedor é mais uma concretização da iniciativa “Economia de Comunhão”, lançada pela própria Chiara Lubich, em 1991, no Brasil.

Abordando um aspecto econômico e social dos Focolares, esta notícia, somada aos aspectos culturais e educacionais da primeira, expressa o interesse do Movimento no compromisso de atender às necessidades globais, a fim de encontrar soluções palpáveis aos paradigmas atuais, tratados durante o editorial da fundadora. Portanto, além do aspecto informativo, no qual se explica como o Movimento faz para atuar os princípios defendidos no período em discussão, há o aspecto formativo das opiniões sobre o ordenamento das condutas.

O efeito causado no público parece ser transformador. Quem vê as notícias do CH Vídeo tem a impressão de que algo de positivo está sendo feito em todo o mundo e que os resultados são imediatos e promissores. Assim, é possível que muitos se sintam afetados e queiram também contribuir com as propostas do Movimento, de acordo com suas próprias condições e contextos. De fato, no pensamento de Lubich, esse comportamento de colocar em relevo o positivo dos acontecimentos deve ser uma preocupação das produções das mídias do Movimento (LUBICH, 2000, p. 06):

[...] de nossa parte, nós nos apresentamos, explicamos as motivações do discurso, seus efeitos em nós mesmos, criando, assim, uma certa reciprocidade. De tal forma que a mensagem não é registrada, apenas, pelo nosso intelecto, mas, também, é vivida e compartilhada por outros. [...] Sempre fez parte do nosso estilo colocar em evidência o bem, convencidos de que é infinitamente mais construtivo destacar o bem, insistir sobre as coisas boas e ter previsões positivas do que focalizar somente o negativo, não obstante, a denúncia de erros, limites e falhas sejam um dever daqueles que têm certas responsabilidades.

Embora os fatos ligados aos atentados terroristas de 11 de setembro não tenham sido tratados diretamente, as duas primeiras crônicas são uma pequena confirmação de que a proposta de Lubich - de viver a fraternidade universal - já se concretiza por meio dessas novas relações, de uma nova cultura empreendedora, de uma nova forma de lidar com a pesquisa acadêmica. Nesse sentido, as “formas de lidar”, “atualizar” e “seduzir” do telejornal em estudo são mais bem compreendidas. Ou seja, faz-se uso da linguagem para se ter um universo discursivo, construir identidades e interações, buscar consensos, a partir dos efeitos positivos que são apresentados durante o vídeo, em relação à fala mantida.

Essa segunda reportagem tem duração de quatro minutos e 55 segundos, ocupando aproximadamente 15,4% do tempo total do telejornal. É a segunda maior notícia. O tempo do editorial e as duas primeiras reportagens, somadas, constituem cerca de 50% de todo o telejornal (somando 19 minutos e dois segundos).

4.4.3. **Semana Mundo Unido**

Trata-se de uma série de eventos promovidos durante uma semana pré-determinada do ano, realizada em todo o mundo, em que o setor denominado “Jovens por um mundo unido” realiza, anualmente, várias atividades para promover a unidade, a solidariedade e a paz. Eli Folonari reporta, em sua fala, que o culminar da iniciativa também se deu em uma conexão telefônica internacional, semelhante à Coligação CH. Ela explica que a conexão telefônica da SMU era um ambiente virtual de trocas comunicativas, em que não só de Roma saíam as mensagens, mas de vários pontos do planeta: Nova York (EUA), Moscou (Rússia), San Salvador (El Salvador), Canadá, Coreia, Tanzânia, Austrália e Itália.

Tal diversidade de discurso reforça mais uma vez nossa constatação de que, na experiência focolarina, não existe centro ou periferia, no sentido sistêmico de ordem mundial. Todos são convidados a assumir o seu papel em relação aos outros, no centro dos debates e das decisões.

Mais uma vez, percebe-se uma atitude diversa daquela tomada pela mídia comercial. Essa mídia focolarina se torna palco de intenso diálogo humano, em que opostos e, possivelmente, rivais, interagem igualmente em busca de consensos adequados para ambos. Sente-se que o clímax da notícia ocorre quando é demonstrada a emoção do público receptor, ao mesmo tempo, em que se transmite a ideia que é possível institucionalizar o diálogo, a fraternidade universal proposta no editorial e que, quando ela é muitas vezes suscitada, por exemplo, nos acontecimentos noticiosos, está de acordo com os pressupostos da TAC habermasiana e vai além. Isso porque não se trata apenas de praticar o melhor argumento em busca do convencimento, mas, de construir coletivamente enunciados de falar-ouvir ativos, que inclui a todos, que compartilha saberes e mensagens, gratuitamente, buscando gerar ambiências de unidade na diversidade, mediante sujeitos coletivos e em sinergia de propósitos.

Na última notícia analisada, pois, o encerramento coincide com o término da ligação telefônica da *Semana Mundo Unido* - evento juvenil do Movimento. Todos os jovens das 73 cidades conectadas fazem uma oração universal pela paz: “Ó Deus, nós, teus filhos, espalhados pela terra, pedimos, unanimemente, o milagre da paz para todo o mundo”. É comovente a fusão das vozes dos jovens (repetindo a prece em todo o planeta em diferentes idiomas) com a trilha sonora da abertura do editorial (em que foram mostradas as cenas da destruição em Nova York em 11 de setembro de 2001; com imagens de pessoas que caminham juntas, lentamente, sobretudo porque são mostrados, depois, diálogos entre jovens norte-americanos e árabes, em concordância, em estado de união. A cena encerra com a imagem de duas velas acesas. Na parte final da notícia, sem dúvida, o telespectador sente-se fortalecido ou passa a ter fé no que foi proposto até então, o que comprova a capacidade transformadora do discurso testemunhal, mais que proselitista. Essa reportagem

dura três minutos e 57 segundos, ou seja, 12,3% do total das notícias. É a terceira maior notícias e conclui o noticiário.

5. CONCLUSÃO

A pesquisa aqui descrita pretendeu identificar elementos consonantes entre a prática comunicacional presente no telejornal “Coligação CH vídeo” e os postulados da Teoria de Ação Comunicativa (TAC) de Jürgen Habermas, entre outros. A escolha do *corpus* incidiu sobre a edição de um noticiário alternativo e mundial em um momento difícil da história humana: os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, em Manhattan (Nova Iorque – EUA), primeiro fenômeno midiático global do século XXI.

Desenvolver uma visão crítica quanto à produção jornalística televisiva foi objetivo da presente pesquisa qualitativa, em que se analisou o discurso do noticiário escolhido, para compreender isso no conjunto de textos (verbal, sonoro, imagético etc.). Desse modo, percebe-se melhor o dito (explicitamente) e o não dito (implicitamente). Ao identificar o advento de uma nova forma de sociabilidade, baseada em experiência televisiva (“televisão”) e definida por limites geográficos globais (“glocalidade”), vê-se a partir do caso estudado, a possibilidade dos meios de comunicação institucionalizarem diálogo permanente, no qual diferentes e semelhantes interagem e buscam consentimentos satisfatórios para ambos, sendo imprescindível o estabelecimento de “contratos de leitura”, firmados subjetivamente entre emissários e receptores.

Sob uma “racionalidade comunicativa”, as relações humanas podem fluir mediante a cooperação, interpessoal, interinstitucional, internacional, aperfeiçoando a convivialidade e sobrevivência recíprocas no planeta. Tal ambiente, fundamentado no diálogo, na solidariedade e na construção permanente de consensos, torna-se pacificadora entre diferentes pessoas. Ou seja, partindo da prática da negação de si para se encontrar no outro (Hegel), naturalmente tende-se a uma compreensão mais ampla sobre o “nós coletivo”, uma vez que, sendo com o outro, seríamos também a nós mesmos enriquecidos pelos demais. A “perda aparente e temporária” de nós mesmos, mediante a dialogia, viabiliza trocas mais amplas, supra concorrenciais, construtivistas. Com efeito, supera-se a ideia da disputa e conflito narrativo, para que seja possível o nascimento de algo novo, construído por mim e por ti, portanto nosso.

Para tanto, o princípio do amor evangélico – que leva à reciprocidade -, é proposto e vivenciado pelos Focolares. Isso permite que o desprendimento e desapego de si mesmo ocorre em função de um estado mais amplo da prática desse Amor, enquanto doação, onde a comunicação reflete parâmetros de uma sociedade linguística ideal (Trindade). O modelo comunicacional de referência para Lubich é a Trindade proclamada pelo Cristianismo. É que, como na Trindade, os absolutamente diferentes são perfeitamente iguais, idênticos. O

telejornal focolarino, face às evidências encontradas no presente estudo, não apenas apresenta-se com iniciativas positivas de superação ao mal-estar que o terrorismo internacional inaugurou no atual século, como é em si a prática efetiva desse exercício de múltiplas perspectivas de enunciado. Em si, o telejornal torna-se, portanto, uma experiência discursiva testemunhal desse mesmo “ser coletivo”, discursivamente identificado e engajado na promoção do bem comum universal.

6. BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO OLIVEIRA, M. “A Teoria da Ação Comunicativa e a teologia”. In **Revista Tempo Brasileiro**, nº 138, jul-set/1999. Rio de Janeiro: 1999, p. 123-124.

BOA VIAGEM OLIVEIRA, C. M. **Textualização da unidade no Genfest’95**. (Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: PUC, 2002, p. 151-152.

BAUER, M. W. & GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER, M. Análise de conteúdo clássica. In BAUER, M. W. & GASKELL, G. (Orgi.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CREPAZ, P. **Il reportage “intenzionale”**. Appunti sul comunicare nell’ottica dell’amore. (Dissertazione di Master in Dottrina Sociale della Chiesa). Roma: Pontificia Università Lateranensis, 2001, p. 09.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 72.

HABERMAS, J. **A inclusão do outro: estudos de teoria política**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 55.

HALLIN, D. & MANCINI, P. Falando do Presidente: a estrutura e a forma representacional nas notícias televisivas dos Estados Unidos e da Itália. In **Jornalismo: questões e “estórias”**. Portugal: Vega, 1999, pp. 315-316.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito** (Trad. Paulo Meneses), 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

LUBICH, C. I media e il carisma dell’unità. In **Nuova Umanità – rivista bimestrale di cultura**, nº 110, marzo/aprile, 1997/2. Roma: Città Nuova Editrice, 1997, p. 208.

LUBICH, C. **O Movimento dos Focolares e os Meios de Comunicação Social**. Roma, 2000. (transcrição do discurso realizado no congresso internacional sobre os Meios de Comunicação, promovido pelo Movimento).

- ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos.** São Paulo: Pontes, 2001.
- PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** Rio de Janeiro: Campus, 1999, p. 14
- PEREIRA JUNIOR, A. E. V. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 34-35.
- PINTO, M. J. **Comunicação e Discurso.** São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- RUBIM, A. .A. C. Contemporaneidade, (idade) mídia e democracia. *In* DOWBOR, L. et alli. **Desafios da Comunicação.** Petrópolis: Vozes, 2000, p. 84.
- TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX.** Porto Alegre: Editora Unisinos, 2001, p. 68-109.